

Sociologia em *Cidade de Deus*: contribuições para políticas sociais

Rosana Santos Rosa

Socióloga formada pela PUC-SP
Professora da Metodista
E-mail: rosanaejulia@gamil.com

Recebido: 20 nov. 2013

Aprovado: 20 fev. 2014

Resumo: A presente pesquisa refere-se à verificação do processo de identificações socioculturais apresentado no filme *Cidade de Deus* (2002). Para este escopo, será eleito um trabalho de desconstrução do olhar naturalizado dos estudantes, que expressam em seus corpos a noção conceitual de sujeitos sociais. Isso remete a uma condição singular para refletir sobre promoção de políticas sociais. Elegi os sujeitos sociais multifacetados em personagens que pela descrição densa tornam-se visíveis nas decomposições discursivas produzidas por essas releituras. Aqui, o aluno será conduzido a uma sensibilidade sociológica para observar a realidade.

Palavras-chave: Cinema. Estudos Culturais. Políticas Sociais. Pobreza. Subalternidade.

Abstract: This work refers to an investigation of the sociocultural identity formation shown in the film *City of God* (2002). To this end, we will use a deconstructive approach that express on the students' bodies the conceptual notion of social subjects. This notion points to a unique condition to reflect about the promotion of social politics. We focus on multifaceted social subjects whose characters gain visibility in the discursive decompositions produced. This way, students will be introduced to a sociological sensitivity to observe reality.

Keywords: Cinema. Cultural Studies. Social Policies. Poverty. Subalternity

Resumen: Esta investigación se refiere a la verificación del proceso de identificaciones socioculturales presentado en la película Ciudad de Dios *Cidade de Deus* (2002). Para ese fin ha sido elegido un trabajo de desconstrucción de la mirada naturalizada de los estudiantes, que expresan en sus cuerpos la noción conceptual de sujetos sociales en las distintas formas de expresión cultural, que remiten a una condición singular reflexionar sobre la promoción de políticas sociales. Han sido seleccionados sujetos sociales multifacéticos en personajes que por la descripción densa se hacen visibles en las decomposiciones discursivas producidas por esas relecturas conduzca al estudiante hacia una sensibilidad sociológica de observación de la realidad.

Palabras clave: Cine. Estudios Culturales. Políticas Sociales. Pobreza. Subordinación.

1 Introdução

Esta pesquisa intenciona discutir pressupostos metodológicos constituídos no curso de Sociologia, com alunos regularmente matriculados na terceira série do Ensino Médio, a partir das releituras do filme *Cidade de Deus*. Esses pressupostos são demarcações fronteiriças articuladas em três momentos de pesquisa: no trabalho acadêmico de Alba Zaluar, na obra literária de Paulo Lins e no filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund.

O estudo da Sociologia deve ser construído juntamente com os estudantes ao longo do Ensino Médio, já que para muitos esse componente ainda é visto como uma incógnita na grade curricular. A Sociologia em suas multiplicidades narrativas contribui de forma significativa como instrumento facilitador na aprendizagem contemporânea. Desta forma, objetiva-se enveredar uma conversa em duas vertentes: discutir com o grupo de estudantes como o *olhar é construído* pelo processo de socialização e internalização de padrões culturais, bem como negociar elementos conceituais para a desconstrução desse *olhar*. Desta forma, tornando visível para aquele que olha, nesse caso, o estudante, que o olhar não é natural, mas fruto de uma construção que foi trabalhada ao longo do tempo pelo processo de socialização.

Propõe-se refletir com alunos e alunas a noção conceitual de direitos sociais. Esse conteúdo é bem pertinente no que tange ao material específico do terceiro ano de Sociologia oferecido pelo governo. Trata-se de um trabalho mais aprofundado sobre políticas sociais.

Após concluir as graduações (bacharel e licenciatura) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, em 1994, já atuava em sala de aula há seis anos. Entretanto, nos últimos dez anos agreguei minhas vivências como professora da rede pública estadual à condição de pesquisadora. Esta pesquisa reflete de certo modo meu percurso profissional.

Adaptado do livro homônimo de Paulo Lins publicado em 1997, com roteiro escrito por Bráulio Mantovani, o filme *Cidade de Deus* (2002)ⁱ, mostra, por um viés sociológico, a história da favela nos anos de 1970 e 1980 e o mecanismo de agenciamento/negociação da violência local, em especial o tráfico de drogas. A narrativa fílmica é apresentada pelo testemunho de Buscapé, morador local que lida com situações críticas, recriando uma condição adaptativa para vivenciar seus

relacionamentos no bairro, região periférica da cidade do Rio de Janeiro com constantes conflitos.

O presente projeto está dividido em quatro partes, descrevendo em cada uma as leituras acerca de *Cidade de Deus*. A parte *Discussão* apresenta três tópicos que é o resultado das leituras e fichamentos realizados ao longo deste curso. Esses tópicos estão compostos da seguinte forma: 1. *Da pesquisa ao livro* resgata a pesquisa sobre “crime e criminalidade nas classes populares” encampada no final da década de 1980 pela antropóloga Alba Zaluar. O que se pretende com esse tópico é demonstrar a formação de redes comunicacionais implementadas pelos excluídos, marginalizados e subalternos, o que implica, na prática, reconsiderar os aspectos de subversão, quando, por exemplo, a comunidade periférica descreve suas experiências contextualizadas na música, no cinema, na religiosidade, deixando transparecer um posicionamento crítico sob sua competência discursiva tida excluída.

O tópico 2. *Do livro ao filme* traz considerações do pesquisador Paulo Jorge Ribeiro presentes em sua tese de doutorado intitulada *Cidade de Deus na zona de contato* e tem por objetivo discutir a dimensão comunicacional de *Cidade de Deus* desde seu lançamento como obra literária em 1997, escrita por Paulo Lins, até a produção cinematográfica em 2002, dirigida por Fernando Meirelles e Kátia Lund. Paulo Jorge Ribeiro (2003) observa que essa dimensão atingiu diferentes nichos desde intelectuais, jornalistas e públicos subalternos integrantes de diversos projetos sociais e grupos ligados a diversas facetas das lutas pelo reconhecimento efetivo dos direitos humanos no Brasil.

Pretende-se nesse tópico apresentar as possibilidades de leituras de *Cidade de Deus*, ou seja, seus deslocamentos discursivos: da favela em si aos olhares dos moradores, perpassando pelo olhar midiático, no caso, o cinema. Em se tratando de aulas de Sociologia para estudantes do terceiro ano do Ensino Médio é muito interessante apresentar essa parte do projeto como um desdobramento do *fazer pesquisa*, da eleição do objeto até tratamento metodológico.

O tópico 3. *Do filme às políticas sociais* transporta as narrativas de *Cidade de Deus* para o eixo da formação de cidadania, destacando a presença de pesquisadores contemporâneos que se debruçam na descrição da intrínseca relação entre cultura e política como forma de fortalecimento da sociedade civil. A recriação de códigos comunicacionais subjacentes aos excluídos diz respeito a uma condição adaptativa (HUTCHEON, 2000) de viver a/na pobreza. O discurso da subalternidade esboça um

ponto crucial em suas narrativas: a capacidade intelectual de um fazer político, partindo da articulação discursiva daquele que foi nomeado excluído e marginalizado.

A imagem da exclusão dialoga de forma pertinente com as malhas intertextuais de um discurso hegemônico, sobretudo no contemporâneo. O que era até então marginalizado, agora toma para si (agencia) o discurso do outro; negocia com o seu e o transforma. Dito de outro modo, viver à margem de um sistema excludente é redescobrir-se no cotidiano como contador/fazedor de histórias, de vivências mutiladas. E nessa caminhada foi construído o último tópico: 4. *Considerações finais*, ou seja, uma composição de argumentos para uma política social contida nas/pelas experiências dos sujeitos, as quais possibilitam evidenciar expectativas de mudanças baseadas na justiça social.

2 Objetivo

Este trabalho está pautado na construção de um olhar sensível e mais atento por parte desse grupo de alunos e alunas que por ora são apenas estudantes, embora possam desenvolver junto às suas comunidades, um espaço de reflexão e atuação sobre as desigualdades sociais.

Esses estudantes frequentam a escola estadual Dom Pedro I, a qual possui um importante papel no bairro, localiza-se no centro, próximo à estação de trem de São Miguel e ao Mercado Municipal, na cidade de São Paulo. Conhecida por todos da região, possui mais de 60 anos e, a maioria dos professores que lá estão estudaram também no “Dom Pedro”. Esse vínculo dos professores contribui de modo positivo no sentimento de pertença dos sujeitos daquele espaço.

3 Métodos e Técnicas

Através das releituras de *Cidade de Deus* (pesquisa, literatura e filme) e da articulação das iminências poéticas (BHABHA, 1998) do *entre-lugar*, pretende-se dar sustentação às relações de poder vistas/lidas no corpo excluído que subverte a condição marginal. A intertextualidadeⁱⁱ de *Cidade de Deus* provoca uma condição de suporte discursivo, que busca no corpo a apresentação de um traço diferencial na manifestação das personagens.

Considero, ainda, que a fruição dessa intertextualidade está estendida no estudo dos sujeitos sociais em suas relações de poder já que no trânsito discursivo são produzidos efeitos de sentido que posicionam o sujeito como no campo das políticas públicas. Na transversalidade promovida pelos discursos verbal e visual torna-se possível compreender a pluralidade das relações política e cultural.

Nesse sentido, a condição da Sociologia como agência dos estudos culturais expande sobremaneira o campo da linguagem – ambiente que consegue reunir comunidades discursivas em seus variados efeitos de sentido e capaz de transcender o senso comum –, lugar das explicações parciais, provisórias e efêmeras. Pretende-se com isso chamar atenção desse grupo de estudante para a percepção da Sociologia como uma “construção em processo, uma articulação sempre submetida à reelaboração e renovação, concebida como base para uma ação política coletiva na direção da transformação social” (DAGNINO: 2000, p. 73).

Tive como primeiro contato o filme de Fernando Meireles e Kátia Lund (2002) e depois de algum tempo, muito tempo talvez, li o livro de Paulo Lins (2004)ⁱⁱⁱ. Nesses dois objetos de leitura, a favela *Cidade de Deus*, localizada na periferia do Rio de Janeiro, teve início muito antes: antes da literatura e antes do cinema.

As histórias criadas no livro e posteriormente recriadas no cinema nasceram de uma pesquisa encampada pela antropóloga Alba Zaluar, no final da década de 1980, sobre “crime e criminalidade nas classes populares”. Paulo Lins participou do projeto como pesquisador e parte do resultado dessas histórias se configura no romance *Cidade de Deus*, adaptado em suas variações discursivas – livro e cinema.

Tem-se com isso a intenção de demonstrar a esse grupo de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio que as narrativas fílmicas de *Cidade Deus* são desdobramentos de outras narrativas: pesquisa e obra literária. E, nesse caso, o filme, por ser mais acessível entre os estudantes, possui também aspectos mais que suficientes para lidar com nossa sociedade contemporânea e que registram aspectos da desigualdade de oportunidades dos sujeitos, socioculturalmente, excluídos.

Nesse sentido, provocar esse segmento social – alunos e alunas – requer questionar em que medida a cultura pode ser um desencadeador das resistências dos grupos excluídos na relação com a política.

4 Da pesquisa ao livro

As histórias recriadas no livro de Paulo Lins e, posteriormente recriadas também para o cinema, nasceram da pesquisa de Alba Zaluar, como bem aponta Lins em seus agradecimentos, em que o autor participa como pesquisador acadêmico. Parte do resultado dessas histórias, como já mencionadas, estão no romance *Cidade de Deus* (2002) em suas espessuras discursivas. Lins constrói seu enredo, situando-o nos anos 1970 e 1980 e mostrando como o tráfico de drogas – apenas mais uma entre várias práticas marginais, como assaltos e roubos, até se instalar como atividade principal das gangues - se iniciou timidamente.

Entre 1985 e 1993, a pesquisadora Alba Zaluar desenvolveu uma pesquisa que tinha por objetivo desvendar as redes, conexões e mecanismos sociais, políticos, culturais e econômicos do tráfico e uso de drogas em três bairros do Rio de Janeiro: Copacabana, Tijuca e Madureira, os quais explicariam os diferenciais de criminalidade violenta encontrados em cada um deles. O foco de seu projeto estava nos aspectos culturais e ideológicos presentes nas práticas sociais e estilos musicais relacionados à crescente violência.

Essa pesquisa demonstrou que os estilos de lazer dos jovens têm impactos decisivos sobre as formações subjetivas, em especial, no que tange as concepções de masculinidade e ao consumo de drogas, numa espécie de conversão do “vício” à violência. Pode-se afirmar também que havia dissensão encontrada entre os líderes comunitários, ou seja, havia aqueles favoráveis a acordos, submissões e aceitação da ordem imposta pelos traficantes e aqueles que se recusavam a aceitar as imposições ditadas.

Nesse trajeto que procura descrever as alterações comportamentais dos sujeitos moradores das favelas, a pesquisa procurou reconstituir historicamente as relações entre sambistas e capoeiras, bicheiros e traficantes, esclarecendo as diferenças e continuidades dessas relações com um mundo à margem da lei. Assim, somadas às transformações advindas dos estilos musicais, encontram-se as igrejas neopentecostais em suas variações religiosas.

Zaluar (2002) percebe que a violência ocupa o debate público na imprensa e na academia, em seminários e congressos de forma veemente, assim como no cotidiano das pessoas é o assunto mais tratado. A violência, vulgarizada e distorcida pelos meios de comunicação, desencadeando preconceito e exagero, encobrindo e não revelando a

desigualdade social e a miséria da maioria dos envolvidos, teve um crescimento assustador nos anos de 1980 e 1990.

Este quadro resultou na perda da civilidade, da segurança e da confiança nas metrópoles, desencadeando novas/outras imagens da cidade, bem como deteriorando a qualidade de vida urbana, por meio de experiências concretas e pelas mídias impressas e televisivas que sutilmente tentam transferir a culpa aos grupos minoritários^{iv}. Assim, é comum atribuir o peso da violência às condições de subalternidade: “porque veio de outro estado”, “porque é de outra etnia”, “de outro bairro”, “de outra classe social”, “de outra família”. Essa quebra de equilíbrio constata a violência sofrida pelos pobres que são os mais temidos e acusados.

A violência na condição de tráfico de drogas gerou o aumento de crimes, tornando-se um processo paralelo e perverso. É o caso do uso abusivo de cocaína que acarreta vários problemas socioeconômicos, tais como reprovação e evasão escolar, desemprego, discriminação, conflitos familiares etc. Além disso, a separação entre traficantes e usuário é sombreada por leis imprecisas.

Essa violência está atrelada a uma mudança no processo de socialização que vai desde os efeitos da revolução sexual dos últimos quarentas anos e seus desdobramentos, os quais indicam o afrouxamento dos laços de casamento, diminuição da responsabilidade paterna, e a desfocalização da educação dos filhos. Com isso é possível entender o fim da sociabilidade regulada pelo que chamam de organizações vicinais, como as escolas de samba, os times de futebol, dentre outras.

Assim, o sujeito de sua pesquisa são os jovens das comunidades pobres, que têm suas subjetividades formadas a partir da reprodução/produção do *ethos*, como afirmação da masculinidade, que inclui o orgulho de pertencer a alguma facção criminosa, ou a uma galera, de portar armas, no dinheiro fácil, na fama midiática e na busca por prazer imediato.

Busco como ilustração do que foi falado até aqui uma citação densa disposta nas páginas do livro *Cidade de Deus*, do escritor Paulo Lins,

— Deita no chão, vagabundo!

Inferninho não esboçou reação. Ao contrário do que esperava Belzebu, uma tranqüilidade sem sentido estabeleceu-se em sua consciência, um sorriso quase abstrato retratava a paz que nunca sentira, uma paz que sempre buscou naquilo que o dinheiro pode oferecer, pois, na verdade, não percebera as coisas mais normais da vida. E o que é o normal nessa vida? A paz que para uns é isso e para outros aquilo? A paz que todos buscam mesmo sem saber decifrá-la em toda sua plenitude? O que é a paz? O que é mesmo bom nessa vida? Sempre

teve dúvidas sobre essas coisas. Mas ninguém pode dizer que não existiu paz numa cerveja bebida no bar do Bonfim, no pandeiro tocado nos ensaios da escola, do riso de Berenice, no baseado com os amigos e nas peladas de sábado à tarde. Talvez fora muito longe para buscar algo que sempre estivera ao seu lado. Mas pode realmente haver paz plena para quem o viver fora sempre remexer-se no poço da miséria? Buscara algo que estava tão perto, tão perto e tão bom, mas o medo de o orvalho repentinamente virar tempestade o fizera assim: cego para a bonança, que agora vinha definitivamente. Talvez a paz estivesse no vôo dos passarinhos, na observação da sutileza dos girassóis vergando-se nos jardins, nos piões rodando no chão, no braço do rio sempre saindo e sempre voltando, no frio ameno do outono e no vento em forma de brisa. No entanto, tudo sempre poderia se agitar de um modo indefinido, concorrer contra sua pessoa e cair na mira de seu revólver. Mas pode alguém enxergar o belo com olhos obtusos pela falta de quase tudo de que o humano carece? Talvez nunca tenha buscado nada, nem nunca pensara em buscar, tinha só de viver aquela vida que viveu sem nenhum motivo que o levasse a uma atitude parnasiana naquele universo escrito por linhas tão malditas. Deitou-se bem devagar, sem sentir os movimentos que fazia, tinha, uma prolixa certeza de que não sentiria a dor das balas, era uma fotografia já amarelada pelo tempo com aquele sorriso inabalável, aquela esperança de a morte ser realmente um descanso para quem se viu obrigado a fazer da paz das coisas um sistemático anúncio de guerra. Aquela mudez diante das perguntas de Belzebu e a expressão de alegria melancólica que se manteve dentro do caixão (LINS, 2004, p. 170-1).

Talvez essa tenha sido uma das passagens mais instigantes sobre a morte que alguém já pôde contar. Mas não se trata diretamente disso, pois, ao descrever essas impressões subjetivas que registram a obra *Cidade de Deus*, ressalto algumas implicações socioculturais e políticas. Tais implicações compõem os setores periféricos – à margem – da sociedade brasileira, cuja ordem social é capturada de maneira excludente e limitadora. O caráter subjetivo dessas impressões demonstra que ultrapassar a lógica vigente é penetrar no *entre-lugar* do discurso hegemônico (BHABHA, 1998), o qual promove uma (re)visão das representações e dos limites da política pública.

No enredo situado nos anos 1970 e 1980, Lins demonstra como o tráfico de drogas se iniciou timidamente até se instalar como atividade principal das gangues urbanas. A citação acima situa o que se pode chamar da primeira parte da composição do livro intitulada “A história de inferninho”.

Ser pobre, segundo Evelina Dagnino (2000), representa não apenas privação econômica e material, mas também a submissão das regras culturais que implicam uma completa falta de reconhecimento das pessoas pobres como sujeitos, portadores de direitos. Nesse sentido, apresentar um debate sobre o lugar Cidade de Deus pela ótica de seu personagem é expor as contradições do Estado de bem-estar como resposta às disparidades humanas geradas no social.

Visivelmente confronta-se um Estado incapaz de extirpar as vulnerabilidades sociais e econômicas expostas no corpo do personagem como *não-lugar* de saúde, habitação, educação, emprego, etc. Poeticamente, essas questões foram elaboradas no momento de transe do personagem Inferninho na relação complexificada entre necessidade e consumo. Vale a pergunta: *Mas pode alguém enxergar o belo com olhos obtusos pela falta de quase tudo de que o humano carece?*

5 Do livro ao filme

O cientista político Paulo Jorge Ribeiro (2003) aponta que em tempos de multimídia, a obra literária *Cidade de Deus* foi apropriada pelo cinema com várias inquietações denominadas por ele como zona de contato. Assim, problematiza em seu artigo se a apropriação de *Cidade de Deus* é capaz de estigmatizar os moradores que lá estão. A essa inquietação, Fernando Meirelles, diretor do filme, lembra que “(...) a gente não inventou aquela história. É como um espelho: a culpa não é do reflexo, é da realidade que está sendo refletida”. E complementa o autor do livro Paulo Lins a respeito do filme (...) *não irá ultrapassar ao que já existe. Todo favelado já é estigmatizado*. Uma vez que o filme também é a condição do olhar daquele que elege o recorte.

Momentos diversos da história da Cidade de Deus foram lembrados por outros entrevistados da Cidade de Deus como fortes temáticas que deveriam ser filmadas – como a enchente de 1996, que matou vários moradores e deixou centenas de desabrigados, ou ainda a formação da *comunidade*, aqui se enfatizando de forma indelével o lado positivo da construção da sociabilidade do conjunto habitacional (RIBEIRO, 2003, p. 08).

Assim, a crítica ao filme não está alijada do contato com a mercadorização a qual coloca sob suspeitas manifestações de engajamento dos diretores no desarme da “bomba da violência” brasileira. Essa disposição representacional é marcada pela pesquisadora Ivana Bentes ao apontar as produções do cinema brasileiro, a partir dos anos de 1980 como “cosmética da fome” em que a estética da violência é pontuada como “sem saída”.

O mote do filme perfaz-se na guerra envolvendo Zé Pequeno e Mané Galinha, essa zona de contato definida como espaços sociais, onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações de

dominação e subordinação. Com isso, é possível tecer a condição contemporânea dos sujeitos em suas transitoriedades que agenciam os discursos às redes de enunciações específicas e históricas marcados pela presença de novos/outros lugares.

Nos primeiros trinta minutos, o filme *Cidade de Deus* registra o destino do grupo de amigos: os bandidos “pé de chinelo” do Trio Ternura (Marreco, Alicate e Cabeleira), frutos de um momento em que a contravenção ainda está longe da organização e especialização quase empresarial, que chegara com o tráfico. Ao resgatar essa cena é possível desenvolver com grupo de alunos um histórico da violência no Brasil, que preocupa parte dos intelectuais do século XIX como um registro latente do pós-colonialismo.

Com efeito, a impressão tecnológica auxilia na ambiência de forma e conteúdo prevista na intersubjetividade apresentada nas cenas^v. Em outras palavras, o suporte técnico condensa diferentes fatores para organizar as amarrações do roteiro. O que se desenha em *Cidade de Deus* funciona como pistas para ver/ler aspectos de uma sociedade contemporânea que dialoga com a imagem contida nos corpos dos personagens. O filme se desenvolve no eixo da voz do narrador-protagonista e na reconstituição de imagens. O espaço multidimensionado proposto pela narrativa compõe-se simultaneamente imagem e som da linguagem coloquial e voz pausada de Buscapé: narrador onisciente.

As considerações do antropólogo Clifford Geertz (1995) acerca da maneira minuciosa de entrelaçar os grupos, exatamente em suas especificações complexas discursivas são bastantes assertivas. Segundo Geertz, o significado que as ações sociais particulares têm para os atores são explicitamente pertinentes à experiência e ao conhecimento sobre a vida como tal.

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 1995, p. 38).

Em *Cidade de Deus* repousa uma poética acidental discursiva, isto é, uma recriação de códigos comunicacionais subjacentes aos grupos excluídos. A imagem da exclusão dialoga de forma pertinente com as malhas do tecido tecnológico, sobretudo

no contemporâneo. Agora, o que era até então marginalizado, toma para si o discurso, apropriando-se da cena, em que o corpo de Buscapé (que representa parte desse grupo) descobre-se naquilo que possa ser: contador de histórias e/ou um experimento de vivências mutiladas socialmente, em que os indicadores sociais atestam às fragilidades das identidades dos corpos.

Para além da vitimização ocorre uma produção sociocultural daquele que vivencia situações de risco. Isso configura uma produção de saber própria da favela, própria da periferia. Essa produção ultrapassa a fronteira da marginalidade e passa a agenciar/negociar o discurso, uma vez que, neste instante de agenciamento, não se encontra diretamente sobre o domínio da exclusão, mas como sujeitos portadores de direitos, cidadãos iguais.

6 Do filme às políticas sociais

O artigo do pesquisador social Marco Aurélio Nogueira intitulado *O desafio de construir e consolidar direitos no mundo globalizado* (2005) pretende examinar em que medida os direitos humanos, particularmente, direitos sociais, encontram-se ameaçados pela reiteração da modernidade capitalista tardia e da globalização. Com relação à reprodução, defesa e prosseguimento da ampliação dos direitos sociais, nas condições atuais, dependem não apenas de uma valorização da ideia da norma e do Estado “ético”, como também da plena afirmação da gestão pública e da colocação em curso de uma dinâmica política que não dissocie a luta por direitos da luta democrática.

Os direitos de cidadania são parâmetro fundamental da vida civilizada e reflete as conquistas sociais dos séculos XIX e XX. Os direitos também não constituem a expressão da chegada da classe operária ao paraíso, uma espécie de tradução jurídica do processo de socialização política que acompanha a modernidade capitalista. Os direitos como um todo são indispensáveis para que se possa pensar numa forma democrática e justa de vida.

Nas últimas décadas passadas, a cidadania dilatou-se de forma inédita. O campo dos direitos está hoje definido pela reiteração de antigas conquistas dos direitos civis e políticos, pela oscilação dos direitos sociais e pela afirmação incessante de “novos direitos”, que recobrem territórios tão vastos quanto o meio ambiente, a sexualidade e a bioética. Embora continuem a se multiplicar as situações de desrespeito, preconceito,

exclusão e indiferença, assim como continuam a se prolongar as situações de marginalidade, desproteção e arbítrio.

No correr do século XX, no *status* de cidadania algumas contradições se evidenciaram; tal processo, por um lado, permitiu o surgimento dos grandes agregados de cidadãos incluídos e protegidos, mas não promoveu o desaparecimento dos grupos de excluídos, pobres e marginalizados.

O quadro dos direitos encontra-se ameaçado pelos efeitos da globalização, que entre outras coisas retira soberania dos Estados nacionais, reduz a capacidade que estes Estados têm de regular, controlar e proteger. Desse modo, os direitos humanos em geral e os direitos sociais em particular ficam, sem o devido anteparo estatal.

Hoje temos uma situação tendencialmente disposta no sentido da ideia de que os direitos sociais também podem ser “comprados”: os que podem pagar por eles são lançados para fora do campo público, e os direitos sociais propriamente ditos (direitos publicamente garantidos, universais, cobertos pelo imposto recolhido pela sociedade) são, quando muito, previstos exclusivamente para os mais pobres. Hoje no mundo, e portanto também no Brasil, temos uma espécie de crise da ideia de cidadão; uma consequência do clima geral, de pouca perspectiva coletiva e muito individualismo.

Observo as condições adaptativas como propostas que consistem em apreender os efeitos de sentido de uma demanda social, nomeada em sua insuficiência econômica por excluídos, marginalizados e subalternos (EAGLETON, 2005). Aponto a necessidade de formular novas/outras estratégias flexíveis que pressupõem redes comunicacionais como parte constitutiva na reconfiguração do lugar do saber.

Um lugar onde [os pobres] são qualificados por suas crenças, seu modo de expressar-se e seu comportamento social, sinais de “qualidades negativas” e indesejáveis que lhes conferidas por sua procedência de classe, por sua condição social. Este lugar tem contornos ligados à própria trama social que gera a desigualdade e que se expressa não apenas em circunstância econômicas, sociais e políticas, mas também nos valores culturais das classes subalternas e de seus interlocutores na vida social (YAZBEK, 2001, p. 34).

Em conformidade a esse aspecto, saliento a leitura crítica exposta nos trabalhos desenvolvidos mais recentemente por pesquisadores (BHABHA, 1998; HALL, 2001; CANCLINI 1998; MOREIRAS, 2001) que evidenciam investigações acerca de questões de exclusão e inclusão, até então priorizados pelo enfoque dialético, que envolvem grupos minoritários em seus agenciamentos discursivos.

Vê-se, então, neste contexto que a tecnologia aparece como grande tendência à globalização. A tecnologia parece estar fortemente interconectada com a atual cultura global, mas de certo modo também parece ser tendência complementar à cultura. Assim, a noção de tecnologia está baseada em uma competência integrada ao campo sociocultural e político (GARCIA, 2004). É nessa dinâmica que viabilizo um parecer sobre política social.

7 Considerações finais

Somos protagonistas de uma época que assiste a uma espécie de colisão entre o social e o institucional. Há problemas sociais gravíssimos, como sabemos bem, e as instituições não conseguem dar conta disso, não parecem possuir a legitimidade e a plasticidade suficientes para assimilar e muito menos direcionar ou dirigir o social. Não se trata apenas de exigir governos com coerência programática e vontade política, mas sim de descobrir a maneira de agir em termos realistas e democráticos num contexto complexo.

Essa estratégia exige a construção de uma malha de grandes e pequenos poderes democráticos com os quais seja possível tecer novas qualidades às comunidades. Sem dúvida, articular política social é inexoravelmente lidar com os direitos sociais. Da combinação dessas duas instâncias – política social e direitos sociais – configura-se o que comumente denomina de cidadania. Entretanto, no dia-a-dia dos relacionamentos esse argumento não se completa, pois, a exclusão social mapeia a ambivalência das categorias: público e cidadania.

Contemporaneizar as relações de poder, é em contra partida reiterar a necessidade de enxergar as performances dos movimentos sociais periféricos como pistas dessa metodologia contemporânea, a qual deve estar sendo agenciada/negociada juntamente à produção científica a fim de agregar e resgatar novas/outras estratégias. Desta forma, o que se propõe é promover procedimentos metodológicos capazes de descrever deslocamentos discursivos, reconfigurados nos enunciados que dizem acerca da impotência vivenciada pelos excluídos, marginalizados e subalternos, diante da violência metaforizada nos territórios propostos pelo Estado democrático neoliberal.

Considera-se, que à medida que essa demanda social participa dos espaços recriados por si próprios, tal demanda revela e transforma os resíduos de fronteira, cuja

ênfase efetiva está em um posicionamento crítico. Pela narrativa contida na literatura e cinema registram-se as sutilezas – direcionamento *quase que* poético – para falar da truculenta disputa de poder que recoloca a lei da periferia. Uma lei específica historicamente demarcada.

Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLIN, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- DAGNINO, E. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: DAGNINO, E; ALVAREZ, S. E. e ESCOBAR, A. (orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos**. São Paulo: Thompson, 2005.
- _____. **Introdução ao cinema intertextual de Peter Greenaway**. São Paulo: Annablume: UniABC, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo, Cia. das Letras, 2004.
- MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos**. Trad. Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- NOGUEIRA, Marcos A. O desafio de construir e consolidar direitos no mundo globalizado. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**. n. 82, ano XXVI, p. 5-21, julho 2005.
- RIBEIRO, Paulo Jorge. **Cidade de Deus na zona de contato**. Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e Cultura das minorias, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom em agosto 2002.
- ROSA, Rosana. Corpo e Imagem em *Cidade de Deus*. In: GARCIA, Wilton (org.) **Corpo & arte**. São Paulo: Nojosa, edições, 2005.

SPOSATI, A. Regulação Social Tardia: Características das Políticas Sociais Latino-Americanas na passagem entre o segundo e o terceiro milênio. *Socialis Reflexiones Latinoamericanas sobre Política Social*. Rosário/Argentina: v.1, 2002.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In SCHWARCZ, Lilia (org). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. vol. 4, 2^a. reimpressão São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

YAZBEK, M.C. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. In: **Revista Temporalis**. n. 3, p.33-39. ABEPSS, jan/ jun 2003.

ⁱ Diretor: Fernando Meirelles, Kátia Lund; Elenco: Matheus Nachtergaele, Jeffchander Suplino, Jonathan Haagensen, Daniel Zettel, Alexandre Rodrigues, Leandro da Hora, Phellipe Haagensen, Seu Jorge, Gero Camilo, Babu Santana, Alice Braga; Produção: Andréa Barata Ribeiro, Maurício Andrade Ramos; Roteiro: Bráulio Mantovani; Fotografia: César Charlone; Trilha Sonora: Antonio Pinto, Ed Côrtes; Duração: 130 min.; Ano: 2002; País: Brasil; Gênero: Drama; Cor: Colorido; Distribuidora: Miramax Films; Estúdio: O2 Filmes / VideoFilmes / Hank Levine Film; Classificação: 16 anos.

ⁱⁱ O termo intertextualidade foi introduzido por Júlia Kristeva (1974^a) ao fazer uma leitura da obra de Bakhtin, a partir das ideias básicas de dialogismo e de ambivalência, o mesmo aparece no texto como infinita possibilidade de troca de sentido entre a obra e os espectadores (GARCIA, 2000, p. 31).

ⁱⁱⁱ Esse exercício reflexivo pode ser efetuado sem nenhum prejuízo às adaptações discursivas da favela Cidade de Deus. Num primeiro momento, foi realizado pelo escritor Paulo Lins (2004, edição revisada) e, em seguida o romance serviu de referência ao filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002). É interessante observar que, após a exibição do filme, bem como de seu alcance de público, *Cidade de Deus* tornou-se representante para a sociedade brasileira na condição tenaz de narrativa cinematográfica, há um eixo contundente entre literatura e cinema.

^{iv} Como exemplo, podemos citar a Chacina da Candelária, ocorrida no centro do Rio de Janeiro a 23 de julho de 1993, resultando na morte de oito meninos de rua por policiais.

^v O filme traduz o início dos anos 1970, pela figura do bandido, o qual é abordado de maneira romantizada. Conhecer Trio Ternura, os “bandidos mais perigosos do Rio de Janeiro”, naquela época, é também penetrar num cenário de recordações da meninice. Para tanto, a utilização de uma infância que ficou há muito na mente do narrador espectador. Os assaltos demonstrados não agridem o olhar daquele que se delicia com o espetáculo. A fotografia busca flagrar outrora forma de vida em sociedade (ROSA, 2005, p. 50).